

Tim pressiona para adiar leilão de celular 4G

Governo prevê licitação em 2012 para melhorar conexão à internet na Copa; operadora acha que ainda é preciso popularizar uso do 3G

Fabiana Monte e Carolina Pereira
redacao@brasileconomico.com.br

O presidente da Tim, Luca Luciani, defendeu ontem a postergação do leilão das faixas de frequência de 2,5 GHz, que serão utilizadas para a prestação de serviços de quarta geração de telefonia celular (4G). A previsão é que a licitação seja realizada até abril de 2012, segundo o conselheiro da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), João Rezende. E o governo espera contar com o 4G, que oferece conexões mais velozes e estáveis, como alternativa de acesso à internet durante a Copa do Mundo.

Luciani defende que o leilão de 4G seja postergado para daqui dois ou três anos, quando o percentual de assinantes no Brasil que utilizam 3G deve chegar a 50%, mesmo índice que mercados desenvolvidos como Estados Unidos e Canadá apresentam hoje. "O 3G só tem três anos no Brasil e é usado por pouco mais de 10% da base de assinantes. Precisamos de mais velocidade na ponta no laboratório ou em todo o país? É melhor pagar bilhões em uma licença ou desenvolver internet na Amazônia?", questiona.

De acordo com Luciani, a sobreposição de tecnologias é algo caro, complexo e que não ampliará o acesso dos brasileiros à internet, até porque os smartphones 4G precisam ser compatíveis com pelo menos quatro faixas de frequência, o que eleva o preço dos dispositivos.

O presidente da Tim acrescenta que existem tecnologias já disponíveis no mercado que podem ser utilizadas como alternativa ao 4G durante a Copa do Mundo. É o caso do Wi-Fi, que permite a criação de pontos de conexão à internet, popularmente chamados de hotspots. "Haverá demanda na Copa e ela será concentrada. Dá para resolver o problema de con-



Precisamos de mais velocidade ou levar o sistema atual para todo o país?

Luca Luciani

centração de tráfego. Há tecnologia mais barata disponível para isso do que o 4G", afirma Luciani.

A operadora italiana já deu início a um projeto para desenvolver hotspots, a partir dos quais seus clientes poderão se conectar à internet. Luciani não detalhou a iniciativa, mas disse acreditar que os pontos podem ficar localizados em áreas com grande concentração de pessoas, como comunidades em morros cariocas, e não apenas em aeroportos e cafés, onde já é possível encontrar os pontos Wi-Fi. O uso de hotspots é uma estratégia comum no exterior. Esses pontos funcionam como áreas de descarga da rede móvel, tirando tráfego da rede quando o cliente não está em movimento.

Alternativa mais barata

Tecnicamente, faixas de frequência altas, como é o caso do 2,5GHz, exigem mais investimentos das operadoras em equipamentos. Segundo Luciani, o 2,5GHz exige cinco vezes mais antenas do que o 700MHz, que também pode ser utilizado para a oferta de serviços 4G. No entanto, esta faixa de frequência é ocupada por radiodifusores e só deve começar a ser desocupada a partir de 2016, com a migração para o sistema digital.

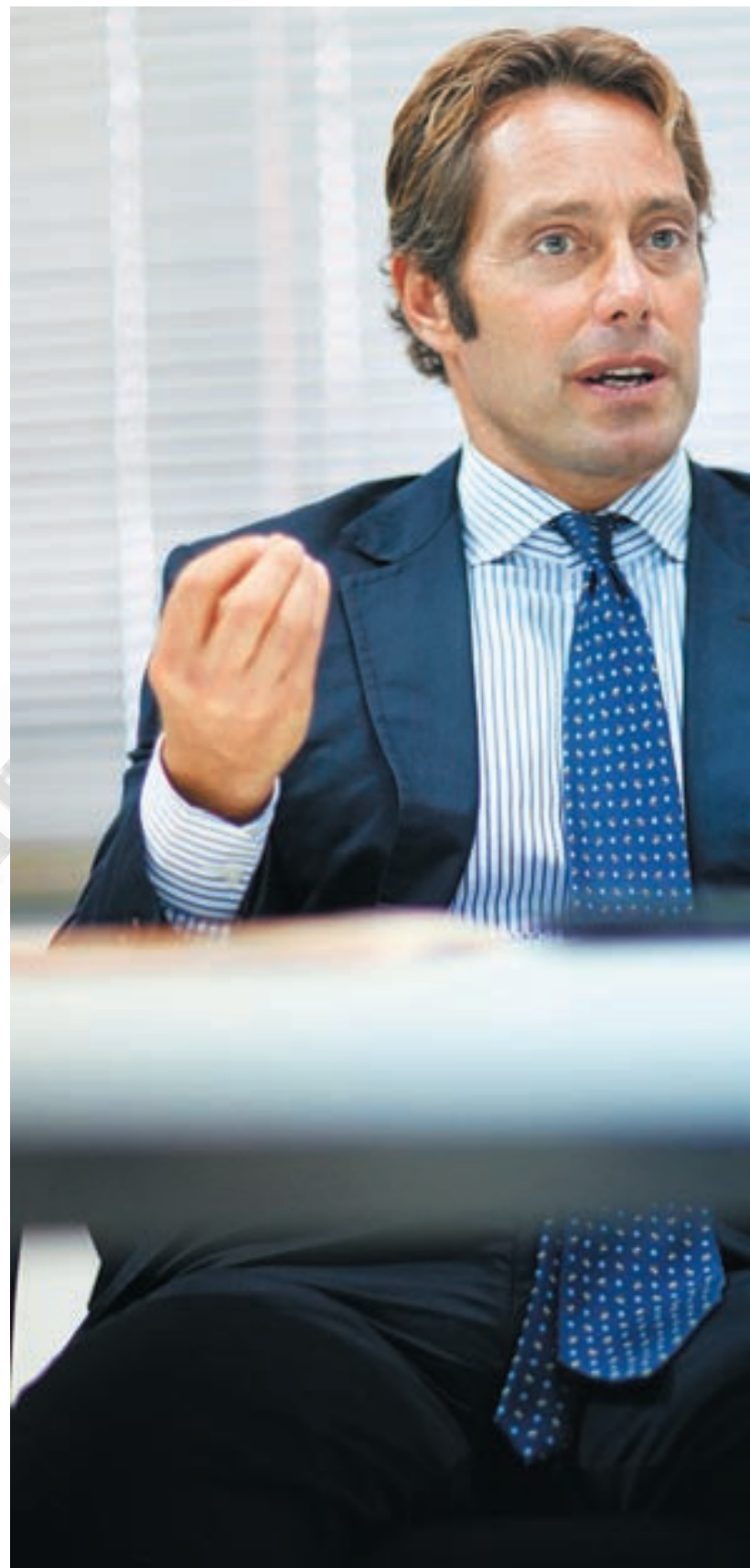
"As empresas querem antecipar a discussão sobre o 700MHz porque essa faixa é mais eficiente (do ponto de vista de investimentos)", rebate Rezende, para quem não há chance de postergar a licitação de 2,5GHz. Ele concorda que é preciso discutir a desocupação da faixa de 700MHz e admite que o tema traz à tona um embate, mais do que técnico, político. "Não é hora de discutir 700MHz. Ainda temos que criar regras de incentivo à digitalização. Depois da licitação do 2,5GHz é hora de estudar os 700MHz", completa.

CONTRAPONTO



Para Anatel, leilão terá interessados

O conselheiro da Anatel João Rezende não acredita que o apetite das operadoras para participar do leilão de 2,5GHz diminuirá, porque essa faixa de frequência é importante em função da demanda do mercado. "A empresa que não tiver banda vai se atropelar". Pelo planejamento da Anatel, a faixa de frequência será dividida de modo a ser ocupada por no máximo quatro operadoras.



O presidente da Oi, Francisco Valim, avalia que é preciso ter uma visão mais completa do planejamento da Anatel para serviços de quarta geração, o que envolve as faixas de frequência de 2,5GHz, 700MHz e 3,5GHz. "O debate extrapola a questão da frequência, trata-se de uma política macro para o 4G. É preciso planejar o 4G", pondera. "Falta entender o que vai ocorrer no horizonte do tempo com o conjunto das frequências", diz ■

TV PAGA

Operadora italiana não

De acordo com o presidente da Tim, Luca Luciani, a empresa não tem interesse em prestar serviço de televisão a cabo e não vai solicitar à Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) novas outorgas para a prestação do serviço. Segundo Luciani, a Tim planeja uma oferta de vídeo utilizando a rede da AES Atimus,

Luca Luciani, presidente da Tim: só 10% dos assinantes usam 3G no Brasil

Operadoras pedem menos impostos

Empresas de telecomunicações consideram fundamental desonerar serviços para ampliar adesão dos consumidores

As empresas de telecomunicações receberam positivamente as medidas de isenção tributária para a construção de redes, anunciadas anteontem pelo ministro das Comunicações, Paulo Bernardo. No entanto, para os executivos do setor, é preciso fazer mais. “É fundamental uma abordagem progressiva para o serviço. As duas coisas não se excluem”, avalia Luca Luciani, presidente da Tim, referindo-se à desoneração para construção de redes e para serviços.

A avaliação de Luciani é compartilhada por Zeinal Bava, presidente da Portugal Telecom - uma das controladoras da Oi. Para ele, a desoneração de serviços de 3G e, no futuro, de 4G, pode ampliar a adesão de consumidores aos serviços. “Tem que haver desoneração, nem que seja na banda larga móvel. É importante oferecer benefícios para incentivar investimentos em rede, mas é preciso estender para serviços.”

Ainda segundo o presidente da Portugal Telecom, é inevitável que as operadoras tenham de ampliar o volume de investimentos, para conseguir atender a demanda por dados, classificada por ele como um “tsunami”. A Copa do Mundo de 2014 será o mundial do vídeo, prevê Bava, e incentivará a construção de redes que deem conta do aumento do tráfego. “Por isso, é fundamental haver incentivos para que os investimentos sejam feitos.”

A construção de redes será desonerada dos tributos de PIS e Cofins, um benefício fiscal da ordem de 10%. A decisão acarretará em uma renúncia fiscal de R\$ 4 bilhões em quatro anos. A expectativa do ministro é que a desoneração gere investimentos da ordem de R\$ 70 bilhões nos próximos quatro anos, dos quais R\$ 20 bilhões deverão ser antecipados. O benefício valerá para diversos equipamentos para infraestrutura de telecomunicações e para redes de fibra óptica e rádio.

Para Luciani, outras ferramentas podem incentivar o avanço da banda larga no país. Entre elas es-

tá o compartilhamento de redes entre operadoras, de forma a reduzir custos, e uma regulamentação que neutralize posições de mercado dominantes. “O gargalo na rede de transmissão atrapalha a competição. É impossível criar competição no interior sem haver regras para o mercado de atacado.”

Jônio Foigel, presidente da Alcatel-Lucent, vê as medidas como a ponta de um iceberg. “É preciso haver outras. O anúncio é uma espécie de parceria público-privada, podem haver outras, como co-investimento em zonas de poder aquisitivo baixo ou o próprio governo investir em regiões onde não há infraestrutura e alugar a rede para as operadoras. Em regiões rentáveis, as operadoras farão.” ■ F.M.

Zeinal Bava, presidente da PT: desoneração na banda larga móvel



■ **INVESTIMENTOS**
Redução tributária deve gerar aporte de

R\$ 70 bi

■ **TRIBUTOS**
O corte de impostos deve totalizar renúncia fiscal de

R\$ 4 bi

Anúncio

vai entrar no mercado

cuja aquisição foi anunciada em julho deste ano.

A aposta da empresa é em uma TV via Web e gratuita, que será desenvolvida por meio de parcerias com empresas como Netflix, por exemplo. “Não acreditamos numa oferta própria. Nosso trabalho é fornecer conectividade”, diz. **F.M e C.P.**